

**ESCOLA ÂNGELA DE BRIENZA: ANÁLISE IMAGÉTICA DE UMA
ESCOLA PARA SURDOS EM MEADOS DO SÉCULO XX**
**ÂNGELA DE BRIENZA SCHOOL: ANALYSIS OF THE IMAGERY OF
A SCHOOL FOR THE DEAF IN THE MID-20TH CENTURY**

Eliane Telles de Bruim Vieira¹
José Raimundo Rodrigues²
Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado³

RESUMO: A história da educação de surdos é um campo amplo, com uma sucessão de temáticas que requerem ser investigadas. Entre os temas que merecem relevo estão as práticas pedagógicas na Escola Ângela de Brienza, escola dedicada à educação de surdos localizada em Vitória, Espírito Santo, Brasil. Essa escola foi fundada por volta de 1958, tendo suas atividades encerradas em 1971. O objetivo deste artigo é compreender as implicações geradas pelas práticas pedagógicas propostas no Congresso de Milão (1880) e suas regularidades no Congresso de Paris (1900 – seção dos ouvintes) na educação capixaba de surdos em meados do século XX. Sob a perspectiva de autores do campo dos Estudos Foucaultianos, recorreremos aos conceitos de *prática* para analisar as fotografias e recortes de jornais que mencionam a Escola Ângela de Brienza no período de sua existência. Com base na análise desses documentos, é possível compreender como a regularidade das práticas discursivas e não discursivas dos dois congressos europeus, que aconteceram no final do século XIX, continuaram circulando entre países da Europa e da América, gerando efeitos na educação capixaba de surdos durante o século XX.

PALAVRAS-CHAVE: História da educação dos surdos. Práticas pedagógicas. Regularidades. Fotografias.

ABSTRACT: The history of the education of the deaf is a wide field with a succession of themes that require investigation. Among the subjects that deserve highlighting are the pedagogical practices of the Ângela de Brienza School, an institution dedicated to the education of the deaf located in Vitória, state of Espírito Santo, Brazil. That school was founded around the year of 1958 and had its activities shut down in 1971. The goal of this study is to understand the implications generated by the pedagogical practices proposed in the Milan Congress (1880) and their regularities in the Paris Congress (1900 – section of the hearers) in the education of the deaf of Espírito Santo in the mid-20th century. Under the perspective of authors of the field of Foucauldian Studies, we resorted to the concepts of *practice* in order to analyze the photographs and cutouts of newspapers that mention the Ângela de Brienza School during its existence years. Based on the analysis of these documents it is possible to understand how the regularity of the discursive and non-discursive practices of both European congresses, which happened in the late 19th century, continued circulating among European and American countries, generating effects in the education of the deaf of Espírito Santo during the 20th century.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Professora na Secretaria de Educação do Espírito Santo (SEDU-ES) e na Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Vitória (SEME-PMV). E-mail: ebruim@yahoo.com.br

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Professor na Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Vitória (SEME-PMV). E-mail: educandor@gmail.com

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Professora do Departamento de Línguas e Letras, do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Ufes. E-mail: lumatosvieiramachado@gmail.com

KEYWORDS: History of the education of the deaf. Pedagogical practices. Regularities. Photographs.

Uma análise imagética que nos desloca a história da educação de surdos...

*O retrato não me responde.
ele me fita e se contempla
nos meus olhos empoeirados.
E no cristal se multiplicam
os parentes mortos e vivos.
Já não distingo os que se foram
dos que restaram. Percebo
apenas
a estranha ideia de família
viajando através da carne.*

Carlos Drummond de Andrade
(2015, p. 164)

A história da educação de surdos é um campo amplo, com uma série de temáticas que requer investigação. Dentre tantos temas que merecem relevância, estão os desdobramentos dos Congressos de Milão (1880) e de Paris (1900 - Seção dos Ouvintes)⁴ para a educação dos surdos espírito-santenses⁵ na segunda metade do século XX.

Neste contexto, está a Escola Ângela de Brienza, primeira instituição de ensino destinada aos surdos organizada no Espírito Santo, em meados do século XX, que pode ser compreendida como uma parte integrante de um dispositivo de condução dos discentes surdos capixabas. Nessa escola foram geradas ações de condução que emergiram nos congressos europeus do final do século XIX, atravessaram o Atlântico, circularam pela América, foram apropriadas pelos professores envolvidos na educação de surdos no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), e posteriormente desaguaram no Espírito Santo.

A circulação das regularidades discursivas representadas nas resoluções dos Congressos de Milão (1880) e do Congresso de Paris (1900 - Seção dos Ouvintes) gerou formas de condução que produziram sujeitos dóceis às práticas pedagógicas estabelecidas pelo método oral puro. E como nos diz Lopes e Veiga-Neto (2010):

A escola é um espaço onde o ensino se exerce de forma intencional a partir de um conjunto de princípios selecionados que guiarão professores e alunos, bem como todos aqueles que direta e/ou indiretamente se relacionam com ela. Com a tarefa de

⁴ Para saber mais, sugerimos a leitura das pesquisas dos autores Vieira (2022) e Rodrigues (2018; 2023).

⁵ Espírito-santenses: pessoas nascidas no Estado do Espírito Santo (Brasil).

educar, a escola é uma das grandes máquinas que trabalham na produção de sujeitos dóceis, adaptados a um tipo de sociedade (Lopes; Veiga-Neto, 2010, p. 92).

Em Foucault (2014), encontramos o conjunto de técnicas de condução dos corpos, além da seguinte análise sobre a organização do espaço escolar:

Determinando lugares individuais tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia do tempo da aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar (Foucault, 2014, p. 144).

Fazendo um deslocamento até a Escola Ângela de Brienza, considerada neste trabalho a pioneira na educação de surdos no Espírito Santo, compreendemos que essa instituição possibilitou a emergência de práticas pedagógicas que, ao serem aplicadas no contexto escolar, possibilita uma existência outra dos sujeitos surdos produzidos pelas práticas escolares antes não existente. Essas práticas intencionavam promover os surdos ao status de *surdos falantes*, e conviveram numa relação de igualdade com seus pares não surdos. Entendemos que a escola estava operando na condução da sociedade capixaba baseada nas experiências discursivas em favor do método oral puro⁶ deliberado nos congressos, marcadamente europeus, de professores de surdos.

É interessante observar que, devido ao fato de não se ter até o presente momento, encontrado registros anteriores ao convênio entre o INES e a Secretaria Estadual de Educação do Estado do Espírito Santo, voltados para a instrução dos surdos, não há meios para analisar a circulação de outros métodos pedagógicos para instruir o surdo no Estado. Fazemos essa observação porque são poucos, ou quase inexistentes, os documentos- que abordam a História da Educação de Surdos no Espírito Santo. Corroborando Malverdes (2021, p. 17), entendemos que quando nos propomos a investigar a História da Educação no Espírito Santo “trata-se de explorar e investigar tanto os documentos garimpados como também a possível escassez de fontes”.

Neste contexto, apresentamos esta pesquisa que é um recorte da tese de doutorado de uma das autoras, entendemos que para compreendermos a circulação das regularidades discursivas das práticas pedagógicas deliberadas e aprovadas nos congressos europeus dedicados à instrução de surdos no final do século XIX, recorreremos aos registros imagéticos, e, desta forma, fazemos uma leitura analítica das fotografias selecionadas. Nesta perspectiva,

⁶ Segundo Vieira (2022), “O método oral puro, então, é, obviamente, aquele que consiste em instruir os surdos-mudos exclusivamente pela palavra, isto é, descartando o uso do sinal mímico e mesmo do gesto” (Fornari, 1881, p. 196). Ou seja, descartar completamente o uso dos sinais durante o processo de instrução do surdo.

intencionamos fazer um resgate das práticas pedagógicas, voltadas para a instrução dos discentes surdos que circulavam na Escola Ângela de Brienza em meados do século XX. E, sem dúvida, o quanto tais práticas também incidiram nos docentes, também formando-os.

As fotografias selecionadas para representar as práticas pedagógicas, que eram operadas na Escola Ângela de Brienza, são compreendidas como registros cotidianos, denominados por Lopes (2002, p. 53) de “instantâneos anônimos”. De acordo com a autora, os instantâneos anônimos são um tipo de registro que nos apresenta momentos particulares sem o conhecimento específico de um fotógrafo profissional. É um tipo de registro fotográfico que tem como objetivo servir de recordação.

Essas recordações cotidianas da Escola Ângela de Brienza organizadas pela professora Álpia Couto⁷ nos possibilitam compreender o contexto das práticas pedagógicas, o dia a dia dos alunos e das professoras na escola e outras particularidades que são possíveis de serem analisadas apenas num registro fotográfico. “Aspectos como a arquitetura, os ambientes, as vestimentas, as disposições dos lugares, os espaços de registros, entre outros, mostram as condições de espaços temporais relevantes para um contexto de análise” (Lopes, 2002, p. 56).

Para desenvolver a análise das práticas pedagógicas na Escola Ângela de Brienza, a circulação das regularidades discursivas e os desdobramentos do método oral puro, optamos pelo uso das fontes imagéticas representadas pelas fotografias que retratam o cotidiano da escola⁸. Com base nos escritos de Schwarcz (2014), compreendemos que a imagem pode dar sentido às representações, e nos motiva a:

[...] instigar: vasculhar usos de imagens não como ilustrações, mas como documentos que, assim como os demais, constroem modelos e concepções. Não como reflexo, mas como produção de representações, costumes, percepções, e não como imagens fixas e presas a determinados temas ou contextos, mas como elementos que circulam, interpelam, negociam (Schwarcz, 2014, p. 393).

A fotografia vem sendo utilizada como documento analítico em outros campos do saber, como o antropológico, por exemplo, mas ainda é pouco utilizada nas pesquisas no campo da educação (LOPES, 2002, p. 49). Recorrer aos documentos imagéticos para analisar a história não é uma tarefa tão simples como parece, isso porque não basta olhar as fotos, é

⁷ Segundo conversas informais com duas sobrinhas da Álpia e com uma ex-professora da Escola Ângela de Brienza, a professora mencionada era muito organizada e tinha uma preocupação de registrar todo o trabalho pedagógico que era direcionado à educação de surdos. Um exemplo dessa organização está representado em seu livro *Cinquenta anos: uma parte da história da educação de surdos* (2004), onde estão inseridos 121 anexos.

⁸ Essas fotografias que fazem parte do acervo organizado pela professora Álpia Couto foram gentilmente cedidas por suas herdeiras para o desenvolvimento desta pesquisa. Posteriormente, este acervo será doado ao Arquivo Público do Estadual do Espírito Santo (APEES).

preciso ler e compreender o que elas nos apresentam. “Mas da mesma maneira como se deixam compreender de imediato, essas mesmas obras carregam lá seus segredos, genealogias e historicidades que pedem calma e cuidado: mais do que apenas ‘olhar’, quem sabe seja bom começar a ‘ler’ imagens” (Schwarcz, 2014, p. 423).

Barthes (1984) provoca a nos deixar ser tomados por um desejo ontológico em relação a fotografia e ainda olhar para a fotografia como uma imensa desordem dos objetos de todo o mundo e pergunta: “por que escolher (fotografar) tal objeto, tal instante, em vez de outro? A Fotografia é inclassificável porque não há qualquer razão para marcar tal ou tal de suas ocorrências [...]” (Barthes, 1984, p. 16).

Ainda na esteira de Barthes, resolvemos partir por meio de uma busca por algumas fotos, principalmente por meio daquelas que existiam para nós. “Nada a ver com *corpus*: somente alguns corpos” (Barthes, 1984, p. 19). Então nos perguntamos sobre em que medida entendemos do “saber” fotográfico?

Uma foto pode ser objeto de três práticas (ou de três emoções, ou de três intenções): fazer, suportar, olhar. O *Operator* é o Fotógrafo. O *Spectador* somos todos nós, que compulsamos, nos jornais, nos livros, nos álbuns, nos arquivos, coleções de fotos. E aquele que é fotografado, é o alvo, o referente, espécie de pequeno simulacro, de *éidolon* emitido pelo objeto, que de bom grado eu chamaria de *Spectrum* da Fotografia, porque essa palavra mantém, através de sua raiz, uma relação com o “espetáculo” e a ele acrescenta essa coisa um pouco terrível que há em toda fotografia: o retorno do morto”. (Barthes, 1984, p. 20)

Não somos fotógrafos, sequer amadores, mas podemos supor a emoção do *Operator* (e, portanto, da essência da Fotografia-segundo-o-Fotógrafo) ao escolher o objeto/corpo para enquadrar, colocar sob uma perspectiva e “captar” ou mesmo surpreender (Barthes, 1984). Assim, há uma transformação do corpo pois ao ser olhado pela fotografia há a possibilidade de instantaneamente mudar e metamorfosear este corpo para produzir a imagem. Portanto “a Fotografia cria meu corpo ou o mortifica, a seu bel-prazer” (Barthes, 1984, p. 22).

Nesse contexto, a análise dos registros fotográficos da Escola Ângela de Brienza possibilitou a compreensão de que as resoluções deliberadas no Congresso de Milão (1880) e no Congresso de Paris (1900 - Seção dos Ouvintes) continuavam circulando nas instituições dedicadas à educação de surdos, que optaram pelo método oral puro para instruir esse sujeito em meados do século XX. Opção tal que ocorreu apesar das ações de resistência dos surdos,

professores e familiares que defendiam o uso do método dos sinais⁹, ou combinado, para instrução daquele sujeito.

Uma história, no meio de tantas outras...

Quando nos referimos ao Congresso de Milão (1880), e ao Congresso de Paris (1900 - Seção dos Ouvintes), estamos mencionando apenas dois dentre uma série de eventos organizados no decorrer do século XIX para deliberar, entre outras questões, sobre o melhor método para instruir o discente surdo.

Fazendo uma análise na tese de doutorado de uma das autoras deste artigo, foi possível ter acesso a documentos-monumentos que nos conduziram à compreensão do Congresso de Milão (1880), em seu conjunto, como um evento pedagógico, tendo como público alvo estudantes surdas e surdos matriculados nas instituições de ensino da época. Na sequência, fomos levados a refletir sobre a importância no âmbito pedagógico, da importância do Congresso de Paris (1900 – seção dos ouvintes) para a história da educação de surdos, tal qual foi o Congresso de Milão (1880)¹⁰.

Inicialmente, a instrução dos discentes surdos, mesmo com algumas possíveis dificuldades para divulgação de sua organização, pela Secretaria de Educação, em 1961, começou a funcionar no prédio da Escola Ângela de Brienza, devido ao crescimento do número de alunos matriculados, estava dividida em turmas segundo o nível das crianças (Couto-Lenzi, 2004). Segundo a autora, as salas foram cedidas por nove anos para a SEDU.

De acordo com Couto-Lenzi (2004), pela manhã a escola atendia crianças surdas (SEDU), e no turno vespertino (particular) crianças não surdas da pré-escola até os quatro primeiros anos do atual Ensino Fundamental. Essa organização possibilitou que os alunos surdos que estudavam pela manhã adquirissem pré-requisitos para frequentar as turmas do vespertino, frequentadas por alunos não surdos.

Na esteira de Foucault (2014), a organização do espaço serial foi uma das grandes modificações técnicas do ensino elementar. Em relação às disciplinas, o autor nos diz:

As disciplinas, organizando as celas, os lugares e as fileiras criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços

⁹ Citando (Vieira 2022), no método dos sinais, a instrução do surdo se baseava no uso dos sinais, de escrita e de objetos para possibilitar a esse sujeito uma interação com a sociedade. Entendemos ser válido mencionar que, no período analisado, a língua de sinais ainda não havia atingido o status de Língua, fato esse, que ocorreu na década de 1960.

¹⁰ Para maior compreensão dos Congresso de Milão (1880) e Congresso de Paris (1900 – seção dos ouvintes), sugerimos a leitura de Vieira (2022).

que realizam a circulação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e do espaço (Foucault, 2014, p. 145).

Vemos fotos por toda parte, elas vêm e são deste mundo. “Todavia entre as que foram escolhidas, avaliadas, apreciadas, reunidas [...] e que assim passaram pelo filtro da cultura, eu constatava que algumas provocavam [...] pequenos júbilos” (Barthes, 1984, p. 31).

É possível compreender que a organização da escola, marcada pela posição hierárquica entre alunos e professores, favorece a circulação de saberes que possibilita a constituição de um determinado jeito de ser surdo naquele espaço escolar, por nós analisado. Um jeito de ser surdo que era conduzido pelas políticas linguísticas da palavra falada na Língua Portuguesa.

Nos tópicos seguintes analisaremos as práticas pedagógicas deliberadas no Congresso de Milão (1880) e no Congresso de Paris (1900 - seção dos ouvintes), que circularam nas instituições dedicadas à educação de surdos na Europa e na América, e que chegaram ao Brasil através do INES sendo apropriadas pelas professoras da Escola Ângela de Brienza, em Vitória, Espírito Santo. Parafraseando Marverdes (2021), são acervos que potencializam o campo da pesquisa em História da Educação de Surdos.

É válido mencionar que, para auxiliar na análise das fotos na Escola Ângela de Brienza e compreendermos a circulação de regularidades discursivas, recorreremos a trechos da Ata Oficial redigida por Fornari (1881), e a um artigo intitulado “Ce qu’entendent et ce que disent les sourds-muets” (O que os surdos-mudos ouvem e dizem), incluído na revista *Lectures pour tous - Revue Universelle Illustrée*, de Paris, publicado em agosto de 1900. Esse artigo possui 14 ilustrações que nos mostram as práticas pedagógicas para a educação de surdos no final do século XIX, na França.

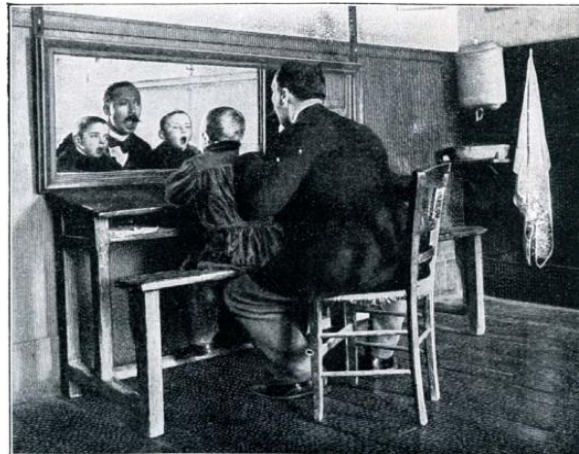
O espelho

Iniciamos nossa análise apresentando o exercício de articulação em frente ao espelho. Esse exercício não é citado nas atas do Congresso de Milão (1880), mas, a leitura labial é mencionada por Johann Conrad Amman (1669-1724) diante de sua própria imagem refletida no espelho (Benvenuto, 2010). Ver-se a si mesmo e não apenas em um espelho na escala da História, esse ato é recente pois antes do advento da Fotografia, os retratos pintados por mais semelhantes que parecessem, não é uma fotografia. “Pois a Fotografia é o advento de mim mesmo com o outro: uma dissociação astuciosa da consciência da identidade” (Barthes, 1984,

p. 25). E junto com o autor perguntamos ainda a quem pertence a foto? Ao sujeito fotografado? Ao fotógrafo? Ao proprietário do local onde a foto foi produzida?

Assim, podemos refletir que os participantes do Congresso de Milão (1880) conheciam essa prática que exercitava a articulação da fala através do reflexo do professor no espelho, conforme a ilustração abaixo representada pelo professor e o seu aluno surdo, no final do século XIX.

Figura 1 - O Espelho - 1900



Fonte: Lectures pour tous (1900, p. 987)

Nessa ilustração, o professor e dois alunos estão numa sala e sua imagem é refletida no espelho. Os alunos estão sentados num banco na frente do professor, que está sentado logo atrás, numa cadeira mais baixa que o banco dos alunos. Aparentemente, pelos movimentos dos lábios refletidos no espelho, o professor e os alunos pronunciam a letra “A”. O professor possui um bigode que nos leva à reflexão... Como os alunos conseguem fazer leitura labial durante os exercícios de articulação? “Ora, o olhar, se insiste (e ainda mais perdura, atravessa com a fotografia, o Tempo), o olhar é sempre virtualmente louco: é ao mesmo tempo efeito de verdade e efeito de loucura” (Barthes, 1984, p. 167).

Nesta imagem denominada *Exercícios de articulação em frente ao espelho*, o autor nos esclarece como essa atividade com os alunos é realizada:

Falar é fazer movimentos com a boca que permitem a articulação dos sons. Surdos-mudos não podem imitar sons, pois não ouvem, são ensinados a falar pela visão. Na frente de um espelho, a criança é treinada para reproduzir todos os movimentos dos lábios, cada um correspondendo a um som particular, repetido por seu professor colocado atrás dele (Lectures pour tous, 1900, p. 16).

Passando a análise para as práticas pedagógicas na Escola Ângela de Brienza em meados do século XX, observamos o uso do mesmo exercício para a articulação da fala, conforme a fotografia abaixo:

Figura 2 - Treinando a voz na Ilha de Guaanaira¹¹ (1968)



Fonte: Acervo Pessoal da Família de Álpia Couto

A fotografia, denominada por nós de *Treinando a voz na Ilha de Guaanaira*, foi reproduzida no ano de 1968. Nela podemos observar a professora Celcy e um aluno. Ambos estão sentados perto e de frente para o espelho, porém a professora olha para o aluno, e o aluno para a professora (ou para os lábios da professora), observando atento os movimentos dos lábios e do rosto feitos pela professora. Numa análise mais atenta, é possível perceber que a professora está segurando uma imagem, e que, provavelmente, a professora pronunciava o nome ou elementos da imagem no espelho para o aluno repetir.

Esse tipo de exercícios possibilita ao aluno surdo visualizar as expressões faciais, os movimentos da boca e da cabeça, além dos movimentos da língua que eram repetidos pelos estudantes. Foucault nos fala sobre experiências utópicas e heterotópicas, mencionando o espelho como um exemplo...

O espelho, afinal, é uma utopia, pois é um lugar sem lugar. No espelho, eu me vejo lá onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície, eu estou lá longe, lá onde não estou, uma espécie de sombra que me dá a mim mesmo minha própria visibilidade, que me permite me olhar lá onde estou ausente: utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo; a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou porque eu me vejo lá longe. A partir desse olhar que de qualquer forma se dirige para mim, do fundo desse espaço virtual que está do outro lado do espelho, eu retorno a mim e começo a dirigir meus olhos para mim mesmo e a me constituir ali onde estou; o espelho funciona como uma heterotopia no sentido em que ele torna esse lugar que ocupo, no momento em que me olho no espelho, ao mesmo tempo absolutamente real, em

¹¹ Guaanaira (Ilha de Mel) era o nome dado pelos nativos à Ilha de Vitória (Nota dos autores).

relação com todo o espaço que o envolve, e absolutamente irreal, já que ela é obrigada, para ser percebida, a passar por aquele ponto virtual que está lá longe (Foucault, 2015, p. 432).

Nesse contexto, entendemos ser válido refletir... Por que o reflexo no espelho e não o face a face? O que o espelho agrega nesse exercício? Não seria o espelho uma forma de se evitar a pessoalidade?

A palavra falada

A *palavra falada* foi um termo utilizado não apenas pelos participantes do Congresso de Milão (1880), mas também por todos os envolvidos na instrução dos surdos que optavam pelo método oral puro, para designar a reprodução da língua oral, pelos surdos instruídos por aquele método. Para um melhor entendimento, apresento um recorte do relatório de Houdin (1881), onde o termo *palavra falada* está sendo abordado:

A ciência nos diz: as palavras faladas não têm apenas forma sonora, mas também forma visual e tátil; e, embora a forma sonora seja a mais completa e melhor, a forma visual e a tátil podem bastar, se necessário, para transmitir a palavra à inteligência e para pôr o órgão vocal em ação e em condições de reproduzi-la. Portanto, qualquer surdo-mudo, surdo de nascença ou não, se dotado de inteligência, visão, tato e órgão vocal intacto, pode ler a fala nos lábios e na expressão fisionômica alheia, falar por si, aprender falando, e por meio dela entrar em comunicação com a sociedade (Houdin, 1881, p. 16).

As palavras de Houdin possibilitam a compreensão do discurso que circulava entre os professores e familiares na sociedade do final do século XIX sobre a aquisição da fala pelos surdos. Independente se nasceu surdo ou não, bastava inteligência, visão, tato e órgão vocal intacto para atingir o objetivo principal do método: o surdo falar.

Passando a nossa análise para a França nos idos de 1900, a imagem a seguir reproduz o que foi explicado por Houdin em 1881.

Figura 3 - A Palavra Falada (1900)



Fonte: Lectures pour tous (1900, p. 989)

Professor e alunos estão na frente um do outro. Enquanto o professor está sentado pronunciando uma palavra com uma mão próxima a garganta do aluno, sua outra mão segura a mão do aluno em sua própria garganta para que o aluno sinta a vibração dos sons da palavra que está sendo pronunciada pelo professor. De acordo com o autor da obra em que as imagens foram publicadas, “outras vezes, para ver o jogo dos músculos, o aluno coloca a mão na garganta do professor e compara seus movimentos com os que ele mesmo realiza” (Lectures pour tous, 1900, p. 989).

No Brasil, especificamente no Instituto de Surdos-Mudos (ISM)¹², Menezes Vieira publica a obra intitulada *Ensino Prático da Língua Materna*. Nessa publicação, o autor fornece informações sobre esse método de ensino por ele utilizado, como vemos na figura a seguir, publicada no Almanak dos Amigos dos Surdos-Mudos¹³:

¹² Estamos nos referindo ao INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), porém respeitando a nomenclatura da época, ou seja, ISM (Instituto de Surdos-Mudos).

¹³ A Revista Almanak dos Amigos dos Surdos-mudos (1880), lançada na capital do Império em 1888, era um exemplar voltado para os surdos. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/artigos/almanak-do-amigo-dos-surdos-mudos/>.

Figura 4 - A palavra aos surdos-mudos (1886)



Fonte: Google arte e cultura¹⁴

Entendemos que o quadro *A Palavra aos Surdos-Mudos*, de Oscar Pereira da Silva (1886), é uma representação de uma aula de Linguagem Articulada ministrada pelo Dr. Menezes Vieira, cuja reprodução foi publicada na Revista Almanak (1888). Logo em seguida, Vieira também descreve detalhadamente seus *Exercícios de Desmutisação* que compreendo serem uma explicação didática de sua disciplina reproduzida na obra de Oscar Pereira da Silva, ou seja:

Assentado defronte do educando, faça observar pelo tacto a diferença entre a expiração surda ou aphonica e a voz ou expiração sonora.
O educando com uma das mãos sente que se produzem ou deixem de produzir as vibrações características da voz na região laryngea do professor e naturalmente procura imital-o (Vieira, 1888, s.p.) [sic].

Deslocando a análise para o Espírito Santo de meados do século XX, o termo *palavra falada* também era utilizado na Escola Ângela de Brienza, como é possível observar na fotografia abaixo, representando as atividades pedagógicas exibidas na Semana do Excepcional, em Vitória (ES), no ano de 1969.

¹⁴ Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/a-palavra-aos-surdos-mudos-oscar-pereira-da-silva/AAGzxt6u3IX49g>.

Figura 5 - A palavra falada com sotaque capixaba (1969)



Fonte: Acervo Pessoal da Família de Álpia Couto

No meio das atividades, gravuras e objetos expostos no estande, há um grande desenho se destacando. Com o título *palavra falada* em letras grandes, o desenho era uma representação similar à apresentada na obra de 1900. Enquanto na imagem do final do século XIX temos um professor e um aluno, o mesmo exercício está sendo mostrado através de um desenho de uma professora e uma aluna na fotografia de 1969. Com a mesma posição já descrita na figura anterior, as mãos da aluna estão segurando a garganta da professora, e na sequência, a estudante sentir a vibração da palavra que está sendo pronunciada.

E os sinais?

Enquanto os métodos dos sinais foram mencionados e tiveram defensores nos Congressos de Milão (1880) e no Congresso de Paris (1900 - Seção dos Ouvintes), de como as resoluções aprovadas recomendarem o método oral puro, a utilização dos sinais na educação de surdos foi gradualmente sendo substituída, em determinadas instituições, pelo ensino da fala articulada.

Mesmo assim, não havia forma de os sinais serem eliminados do cotidiano dos alunos surdos que tinham ou tiveram algum contato com os sinais e sua forma visual de comunicação. O responsável pela publicação do artigo publicado em 1900 (mencionado por nós anteriormente), nos fornece a explicação para o uso dos sinais entre os surdos parisienses:

Se um deles não pode, por exemplo, levantar uma carga muito pesada, ele fará, ao apoiar o polegar no queixo e abrir os dedos, uma espécie de desprezo, que é o sinal da *impossibilidade*. Seu amigo, mais forte do que ele, vai querer indicar que essa ação é, ao contrário, *fácil* para ele, ele apertou o queixo entre os dedos, enquanto a outra criança, trazendo a palma das mãos, fará o gesto de aplauso comum a todos em forma de louvor e aprovação (Lectures pour tous, 1900, p. 9).

Nesse contexto, entendemos que numa instituição onde o método escolhido para instruir os surdos era o oral puro, os sinais faziam parte do cotidiano dos alunos, mesmo que seus professores, familiares e a sociedade almejassem o contrário. Porém, na Escola Ângela de Brienza não foram encontrados registros fotográficos que nos mostram o uso dos sinais pelos alunos surdos. Possivelmente, os alunos sinalizavam escondidos ou não sinalizavam, pelo fato de não haver no Espírito Santo, no período analisado, uma comunidade surda militante de uma forma de comunicação onde os sinais seriam utilizados por eles.

Nas fotografias, que compõem o acervo da professora Álpia Couto, encontramos apenas o registro de crianças no contexto escolar, o que nos possibilita o entendimento de que elas, por dependerem de suas famílias, não tinham outra opção a não ser aquela: serem instruídas pelo método oral puro. Método que, por anos, foi considerado o único e verdadeiro, pelos docentes do Estado do Espírito Santo, que poderia levar o surdo a tornar-se um cidadão capaz de conseguir sua própria autonomia e a interagir com a sociedade majoritariamente ouvinte. Nos escritos foucaultianos, a noção de verdade é entendida como um “conjunto dos procedimentos que permitem pronunciar, a cada instante e a cada um, enunciados que serão considerados como verdadeiros. Não há, absolutamente, uma instância suprema” (Castro, 2016, p. 421).

Analisando os registros imagéticos da Escola Ângela de Brienza, percebemos que, naquele momento, havia uma acolhida do método oral puro, talvez, como uma forma de verdade que os integrava à sociedade. Somando a isso, há a carência de registros, impossibilitando a identificação da circulação de outros métodos para instruir o surdo, no Espírito Santo em meados do século XX. Sabemos que em um determinado momento a língua de sinais passará a circular entre os surdos capixabas e a fazer parte do cotidiano da escola, dos alunos surdos no espaço escolar. Mas esses são dados para uma outra pesquisa...

Os anos passaram, a escola, as professoras, os alunos e os aparelhos. Mas as práticas pedagógicas baseadas no uso do método oral puro que constituíram formas de governo linguístico do surdo, atravessaram o tempo... Até que as resistências¹⁵ surdas possibilitam um retorno a uma hipervalorização ao uso língua de sinais como prática pedagógica para instruir o surdo. O campo da história da educação de surdos é um campo imenso que carece de ser explorado. Não há um início, nem um fim, mas há continuidades que vão se adaptando conforme a grade de inteligibilidade de um determinado tempo.

¹⁵ Sobre as resistências surdas no Espírito Santo, sugiro a leitura da dissertação de mestrado de Vieira-Machado, intitulada *Traduções e marcas culturais dos surdos capixabas: os discursos desconstruídos quando a resistência conta a história*. Disponível em: <https://educacao.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGE/detalhes-da-tese?id=7039>.

Das fotografias para as reflexões finais

O Fotógrafo
Difícil fotografar o silêncio
Entretanto tentei. Eu conto:
[...] Ia o silêncio pela rua carregando o bêbado.
Preparei minha máquina
O silêncio era o carregador?
[...] Fotografei esse carregador.
[...] Preparei minha máquina de novo.
Tinha um perfume de jasmim [...]
Fotografei o perfume.
Vi uma lesma pregada na existência mais do que na pedra.
Fotografei a existência.
[...] A foto saiu legal.

Manoel de Barros (2021)

Com o poeta, Manoel de Barros, confirmamos que é difícil fotografar os silêncios. A pesquisa sobre a Escola Ângela de Brienza, como instituição pioneira na educação de surdos no Espírito Santo, é mais contada pelas fotografias organizadas por professoras comprometidas com suas práticas do que documentos em si. Se não houvesse a fotografia, quantos silêncios seriam produzidos pela inexistência ou talvez uma suposta extinção de documentos dessa escola? Por isso, olhar para as fotografias com os pequenos júbilos propostos por Barthes nos permite mirarmos para várias direções da história.

Como vimos, a metodologia oficialmente definida em Milão (1880) e, posteriormente, confirmada em Paris (1900 - Seção dos Ouvintes) atravessou mares, sendo assimilada na Argentina, didaticamente ensinada no INES e depois reproduzida no Espírito Santo. Essa regularidade de uma prática sugere-nos a complexidade do fenômeno educação de surdos e sua possível narrativa historiográfica. Esses circuitos transnacionais estavam também vinculados a um desejo de educação que via no surdo uma população educável no contexto dos processos nacionalistas.

Por priorizar uma pesquisa documental-monumental tendo como referência os estudos foucaultianos, afirmamos que há um campo de análises ainda pouco explorado na história da educação de surdos. A proposta aqui é sair da dicotomia entre oralismo e língua de sinais para partir em busca de outros saberes e, assim, poder contribuir com novas pesquisas acadêmicas sobre a temática história da educação de surdos.

A carência de documentos anteriores à chegada das professoras especializadas em educação de surdos fala-nos de uma possível pré-história dos surdos no estado do Espírito Santo. Talvez, uma possibilidade seria uma pesquisa anterior que procurasse levantar, por

exemplo, notícias sobre surdos na imprensa da época, registros em livros de batizados e casamentos, notas cartoriais. A título de exemplo, no Diário da Manhã, de 5 de abril de 1916, encontramos uma menção ao recebimento do livro *O Surdo* de J. Brasil Silvado. Uma busca na Hemeroteca Digital Brasileira, tendo como filtro os periódicos do Espírito Santo, abriria já uma perspectiva bastante peculiar.

Essa circulação da proposta milanesa para a educação de surdos se fortalece no INES na década de 1950 e tem seus desdobramentos na educação de surdos no Espírito Santo, a partir de 1957, quando é estabelecido um convênio entre o Instituto Nacional de Educação de Surdos e a Secretaria Estadual de Educação do Espírito Santo. O método oral puro passa a operar nas ações dos envolvidos na educação dos surdos capixabas naquele momento.

Interessante observar a partir dos documentos-monumentos analisados que os surdos resistiram às resoluções deliberadas e aprovadas nos congressos analisados nesta tese. Independentemente de se os participantes do Congresso de Milão (1880) e do Congresso de Paris (1900 - Seção dos Ouvintes) aprovaram o método oral puro como o melhor a ser utilizado nas instituições dedicadas à educação de surdos, encontramos manifestações de professores surdos que defendiam que eles deveriam ser *ouvidos* em relação às questões destinadas a sua educação.

Fazendo uma referência a Benvenuto (2006), mesmo sendo *surdos inauditos*, eles se manifestaram... E os exemplos de Forestier, Denison, Smith, Marie-Pauline Larrouy, Dusuzeau, Gaillard, Neubauer, entre outros são uma inspiração para nós, surdos. Suas trajetórias carecem de ser pesquisadas e conhecidas pela comunidade surda brasileira.

Essas resistências surdas possibilitaram, em meados do século XX, um retorno gradual ao uso dos sinais como método para instruir os surdos. Atualmente no Brasil, para mencionar apenas nosso país, há uma perspectiva educacional na educação de surdos amparada legalmente no ensino através da língua de sinais, o que leva ao entendimento de que há outras formas possíveis de conduzir e governar o surdo pelo uso da língua. Porém, não podemos silenciar as resistências surdas produzidas em outros espaços-tempos históricos como nos séculos XVIII e XIX. Se em nosso tempo a língua de sinais ganha destaque devemos sempre recordar dos silêncios fotografados ou não.

Referências

ANDRADE, C. D. *Nova reunião: 23 livros de poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BARTHES, R. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARROS, M. *Ensaio fotográficos*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2021.

BENVENUTO, A. O que os alunos surdos ensinam à Filosofia? In: HENNING, L. M. P. (Org.). *Pesquisa, ensino e extensão no campo filosófico-educacional: debate contemporâneo sobre educação filosófica*. Londrina: Eduel, 2010. p. 323–349.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. *Decreto nº 42.728*, de 3 de dezembro de 1957. Institui a campanha para educação do surdo brasileiro. Rio de Janeiro: [s. n.], 1957.

COUTO-LENZI, A. *Cinquenta anos: uma parte da história da educação de surdos*. Vitória: AIPEDA, 2004.

CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria Estadual de Educação. *Diretrizes da Educação Especial na Educação Básica e Profissional para a Rede Estadual de Ensino*. Vitória, 2011.

FORNARI, P. *Compte-rendu du Congrès International pour l'amélioration du sort des sourds-muets tenu à Milan du 6 au 11 septembre 1880*. Disponível em: <http://www.2-as.org/editions-du-fox/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento das prisões*. 42. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FOUCAULT, M. *Ditos e escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forence universitária, 2015.

LEITE, T. R. Instituto dos surdos-mudos. In: BRASIL. MINISTÉRIO DO IMPÉRIO. *Relatório do anno de 1886 apresentado á Assembléa Geral Legislativa na Segunda Sessão da Vigésima Legislatura pelo Ministro e Secretário de Estado de Negócios do Império Barão de Mamoré*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional 1887. p. 61–66.

LOPES, M. C. *Foto & grafias: possibilidades de leitura dos surdos e da surdez na escola de surdos*. 2002. 200 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

LOPES, M. C.; VEIGA-NETO, A. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 24, n. especial, p. 81–100, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10541>.

MALVERDES, C. Z. *Memórias fotográficas da educação capixaba: catálogo do acervo de José Celso Claudio*. Serra, ES: AARQUES, 2021.

REVUE UNIVERSELLE ILLUSTRÉE. Lectures pour tous. *Ce qu'Entendent et ce que Disent les Sourds-Muets*. Paris. 1900. p. 983–991. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb32805602k/date1900>. Acesso em: 13 jan. 2022.

RODRIGUES, J. R. *As seções de surdos e de ouvintes no congresso de Paris (1900):* problematizações sobre o pastorado e a biopolítica na educação de surdos. 2018. 202 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

RODRIGUES, J. R. *Educar para a vida e não para a escola: a educação desejada nos congressos internacionais de surdos entre 1889 e 1900.* 2023. 320 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023.

SCHWARCZ, L. M. Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais. *Sociologia & Antropologia*, v. 4, n. 2, p. 391–432, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2238-38752014V425>. Acesso em: 23 de fev. de 2022.

VIEIRA, E. T. B. *Práticas pedagógicas na educação de surdos: circuitos de transnacionalização entre documentos-monumentos, regularidades discursivas e contracondutas em questão* 2022. 328 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.